

1) Como os gestores trabalham com as variações no dia a dia e em momentos de crise?

As carteiras de investimentos são montadas com o objetivo de proporcionar retornos diferenciados em horizonte de longo prazo. As diretrizes de investimentos e limites para a aplicação dos recursos são definidas nas políticas de investimentos, por plano e por perfil, e divulgadas aos participantes.

As políticas constituem um guia para a atuação dos gestores no dia a dia, ou seja, os recursos dos participantes são alocados de forma a respeitar os limites que foram estabelecidos para cada perfil, lembrando que para cada classe de ativo temos uma banda de mínimo e máximo para investimento. Estas bandas de alocação são instrumentos táticos utilizados para administração de riscos ou aproveitamento de oportunidades de geração de retornos, a depender do cenário prospectivo da equipe contratada para realizar a gestão dos investimentos de nossos planos.

Em momentos de crise, não perdemos o foco no longo prazo, mas procuramos aumentar o debate com os gestores, a fim de calibrarmos o risco de cada perfil ao momento.

A gestão dos investimentos da Fundação Itaú Unibanco conta com uma estrutura de gestão robusta, a qual tem garantido resultados superiores aos benchmarks dos perfis nos últimos anos. Isso é possível pela sinergia da Fundação com o Itaú Unibanco, o que permite que a Fundação tenha acesso a toda tecnologia de análise e gestão da Itaú Asset Management e a uma equipe dedicada, especialista em gestão de longo prazo e que atua proximamente à diretoria da Fundação e no melhor interesse dos participantes.

As diretrizes de alocação de cada plano e perfil podem ser consultadas no link abaixo, escolha o seu plano e verifique o item "Políticas de Investimentos e Regulamentos".

> [Itaubanco CD](#)

> [Futuro Inteligente](#)

> [Itaubank](#)

> [Redecard CD](#)

2) Onde encontro a real alocação de ativos do meu perfil?

A alocação de ativos pode ser encontrada na Lâmina de Investimentos dos perfis, disponibilizada mensalmente no site da fundação.

Nesta lâmina é possível encontrar a composição das carteiras, bem como a evolução desta composição.

Acesse link do seu plano:

Itaubanco CD	Futuro Inteligente	Itaubank	Redecard CD
Ultraconservador	Ultraconservador	Ultraconservador	Ultraconservador
Conservador	Conservador	Conservador	Conservador
Moderado	Moderado	Moderado	Moderado
Arrojado	Arrojado	Arrojado	Arrojado

3) Além de ações, quais outros ativos podem gerar rentabilidade negativa nos perfis?

Tanto ativo de renda variável quanto ativo de renda fixa podem apresentar rentabilidades negativas ou abaixo de seus benchmarks em determinados períodos.

De forma bem resumida, no caso da renda variável, o preço das ações irá oscilar de acordo com as perspectivas de crescimento dos lucros das companhias. Vários fatores podem alterar essa perspectiva, como por exemplo, os macro e micro econômicos, alterações na governança e estratégia da empresa, perspectivas de lançamentos de novas linhas de produtos, entre outros.

Já na renda fixa, os preços refletem alterações nos fatores de remuneração de cada papel, incluindo indexador, vencimento e fluxo de amortizações e pagamentos de juros, bem como na percepção da qualidade de risco do emissor. Por exemplo, títulos públicos prefixados, como as LTNs e NTN-Fs, terão flutuações de preços de acordo com a variação da estrutura a termo da taxa de juros e percepção do risco país. Os títulos públicos indexados à inflação, as NTN-Bs, além destes fatores, tem a perspectiva de inflação futura como um componente de formação de preços. E uma debenture, adiciona o risco do emissor específico a estes implícitos em sua estrutura de remuneração. Como observamos alterações nas condições macro e microeconômicas e/ou específicas dos emissores, os ativos de renda fixa também apresentam oscilações ao longo do tempo, muitas vezes bem expressivas e em especial nos ativos com maior duração. Em alguns momentos essas flutuações resultam em rentabilidades negativas para estes papéis.

Cabe ressaltar que buscamos realizar investimentos que, no horizonte considerado para nossas alocações, apresentem retornos médios acima de seus benchmarks, controlando os riscos assumidos em janelas mais curtas de tempo.

4) Por que e em quais situações a rentabilidade pode se deslocar do benchmark?

Todos os perfis têm como objetivo superar seus benchmarks no longo prazo e para isso suas políticas de investimentos foram estruturadas para possibilitar uma gestão ativa que permite alocações, tanto na renda fixa quanto na renda variável, com algum grau de distinção em relação aos seus benchmarks. Isso implica em um risco um pouco maior no curto prazo, mas que quando bem executado, tende a gerar melhores resultados ao longo do tempo.

De forma geral, cada perfil tem um limite mínimo e máximo de alocação em renda variável e renda fixa e, em cada segmento, pode ter composições distintas dos índices de referência: CDI e Ibovespa. Por exemplo, a renda variável pode estar diversificada em diferentes ativos, estratégias, regiões e gestores; a renda fixa pode ter uma diversidade de ativos, dentre eles títulos públicos e privados, pré-fixados e indexados à inflação.

5) Como lidar com as flutuações bruscas na economia em momentos de crise? Antes de começar a investir, é importante conhecer qual o seu perfil de risco. Para defini-lo, é importante compreender como você lida com as flutuações no seus investimentos e como elas podem afetar o atingimento de suas metas e objetivos financeiros. Em outras palavras, cada um necessita compreender sua capacidade e tolerância ao assumir riscos antes de definir seu perfil de investimento.

Uma boa forma de medir a capacidade de risco é refletir se o montante investido em ativos de maior risco compromete seus objetivos e compromissos no curto prazo. Se houver uma queda maior nestes investimentos, avalie se você tem condições de esperar pela recuperação do retorno deles. No geral, a capacidade de risco também está associada ao tempo disponível para deixar o dinheiro aplicado e a idade do investidor. Ou seja, via de regra quanto mais jovem, maior a capacidade ao risco, pois mais tempo a pessoa tem para reaver possíveis perdas, embora existam exceções a esta regra, por isso esta é uma reflexão que deve ser feita caso a caso.

Muitas vezes, um indivíduo até tem capacidade de assumir riscos, mas não se sente tranquilo quando observa maiores flutuações em sua carteira. Neste caso, dizemos que ele não possui tolerância ao risco.

Mesmo identificando bem seu perfil, é preciso entender claramente que a rentabilidade pode flutuar e que o investimento deve levar em conta o horizonte de tempo adequado ao risco assumido.

Lembre-se também de avaliar as perspectivas futuras aliada a seu perfil de investidor, e não olhar para a rentabilidade passada, o chamado “perfil retrovisor”, evitando também o efeito “manada”, ou seja, acompanhar a maioria. A decisão é individual e alterações que sejam tomadas em função de horizontes muito curtos de tempo podem levar a perdas que eventualmente não poderão ser recuperadas mesmo em um prazo mais longo.

6) Por que é recomendável reduzir riscos à medida que nos aproximamos da aposentadoria?

A rentabilidade dos investimentos impacta diretamente a reserva acumulada e o risco é comprometer parte da reserva previdenciária necessária para a manutenção do padrão de vida desejado.

A capacidade de risco é importantíssima no planejamento financeiro dos participantes próximos a se aposentar. Ela se torna mais importante a medida que o tempo passa.

Em geral, é recomendável que o participante diminua os riscos de seus investimentos conforme se aproxima da aposentadoria, pois, em casos de perdas, terá menos tempo para recuperação do patrimônio que irá compor sua renda previdenciária. Afinal, é desse capital que, em breve, sairão os recursos que irão compor o benefício mensal do plano após a aposentadoria.

O participante contribuinte (ativo, optante pelo BPD ou autopatrocinado) precisa estar muito atento à aproximação da aposentadoria para avaliar se deve migrar para perfis de menor risco.

7) Depois de aposentado, posso optar por algum dos perfis oferecidos para o plano e qual seria o mais recomendado?

Os assistidos podem escolher entre as 4 opções disponíveis durante os meses permitidos para escolha. Porém é importante avaliar a exposição ao risco. Para o assistido que está em fase de recebimento de renda pode não ser aconselhável expor seu patrimônio a grandes oscilações de mercado.

Existem muitos casos em que a pessoa possui tolerância ao risco para estar nos perfis mais arrojados, porém em um momento de queda não possui capacidade de assumir os riscos e aguardar o retorno dos investimentos, pois possui um fluxo de caixa com despesas de curto prazo e recorrentes. Para assumir mais riscos, é necessário que o participante avalie suas condições financeiras. Em grande parte dos casos, observa-se que há uma dependência do plano de aposentadoria para manter o padrão de vida, não sendo portanto aconselhável que este assistido esteja em um dos perfis com maior risco.

8) Como devo lidar com a ansiedade e medos em momentos de crise e rentabilidades negativas? Devo mudar de perfil ou esperar a poeira baixar?

Por mais difícil que seja, em momentos de crise devemos procurar olhar a situação isolando a ansiedade e os fatores emocionais, com o objetivo de tomarmos uma melhor decisão com relação aos investimentos. Os gestores de recursos, até pela exigência profissional, procuram seguir essa regra à risca, mas ela vale não apenas para eles, mas para qualquer indivíduo.

No contexto das incertezas existentes em momentos de crise, as carteiras de investimento de nossos perfis, como a de grande parte do mercado financeiro, apresentam alta volatilidade em meio às oscilações de preços dos ativos. Entendemos que isso traz apreensão aos participantes, mas é bastante importante mantermos a cautela, pois a realização de movimentos em função de acontecimentos de curto prazo, podem realizar perdas que eventualmente não poderão ser recuperadas no longo prazo.

Nos momentos de crise é preciso aguardar uma análise de efeitos mais realista para que cada um de nós, seja na gestão de recursos, seja como participante que optou por perfis com maior risco, possa também recalibrar suas expectativas futuras e a relação risco x retorno oferecida para atingimento de seus objetivos.

Lembre-se também de avaliar as perspectivas futuras aliada a seu perfil de investidor, e não olhar para a rentabilidade passada, o chamado “perfil retrovisor”, evitando também o efeito “manada”, ou seja, acompanhar a maioria. A decisão é individual.

9) Por que não foi diminuído a exposição ao risco quando do cenário da Covid-19 se há previsão de mínimo e máximo de exposição ao risco?

A crise atual tem características únicas que não nos permitiram antecipá-la e ocorreu de forma intensa, generalizada e em uma velocidade sem precedentes, o que tornou complexa, custosa e, na nossa avaliação, inadequada, uma mudança radical em nossas posições. Essa avaliação se deve aos seguintes fatores: 1 – a natureza de longo prazo dos investimentos de previdência e os bons resultados acumulados nos últimos anos pela estratégia atual; 2 – a qualidade e insuficiência de informações que permitissem, nos seus momentos iniciais, uma avaliação robusta sobre a extensão e profundidade dos efeitos da crise; 3 – a característica transitória dos choques de preços de ativos financeiros observados em crises anteriores; 4 – os fatores técnicos, em especial relacionados à liquidez dos ativos e ao apetite de risco dos investidores de longo prazo, que intensificaram a desvalorização dos ativos de renda variável e de renda fixa nos primeiros momentos de crise; 5 – os valores extremamente depreciados de alguns ativos de qualidade quando se consideram os fundamentos de longo prazo.

Entretanto, diante do contexto, nós realizamos alguns ajustes táticos nas posições, aproveitando desbalanceamentos relativos entre diferentes ativos e, na renda variável, seguindo orientação da diretoria da Fundação, adotamos uma postura mais prudente temporariamente, deixando as posições reduzirem passivamente, ou seja, não aumentando-as para recompô-las aos percentuais médios de alocação pré-crise dos perfis.

Vale ressaltar que a estratégia de gestão do portfólio é reavaliada constantemente, sempre tendo em vista os objetivos de longo prazo e respeitando os limites de cada perfil, buscando superar esses objetivos no horizonte relevante.

10) O percentual de renda variável é sempre investido em sua totalidade?

Os investimentos em renda variável são sempre mantidos dentro do intervalo de alocação permitido pela política de investimentos, flutuando entre o mínimo e máximo permitido com o objetivo de, no longo prazo, obter resultados sustentáveis e superiores aos benchmarks de cada perfil.

Seguem os limites em renda variável por perfil:

Ultraconservador: 0% em renda variável

Conservador: de 5% a 10% em renda variável. Ponto médio de 7,5%.

Moderado: de 10% a 30% em renda variável. Ponto médio de 20%.

Arrojado: de 30% a 50% em renda variável. Ponto médio de 40%

11) Porque a Rentabilidade da parte de Renda Variável foi menor que o % de Ibovespa que é o benchmark?

A nossa carteira de renda variável teve rentabilidade similar à do Ibovespa, tanto no mês de março/2020 quanto no acumulado do primeiro trimestre. No entanto, todos os perfis que possibilitam a aplicação em renda variável estavam com exposições próximas aos limites máximos, ou seja, acima do ponto de referência do benchmark. Como a rentabilidade do portfólio de renda variável nesses períodos foi negativa em termos nominais, a exposição acima do benchmark impactou negativamente a performance dos perfis relativa aos seus benchmarks.